

# 2ª CARTA PASTORAL

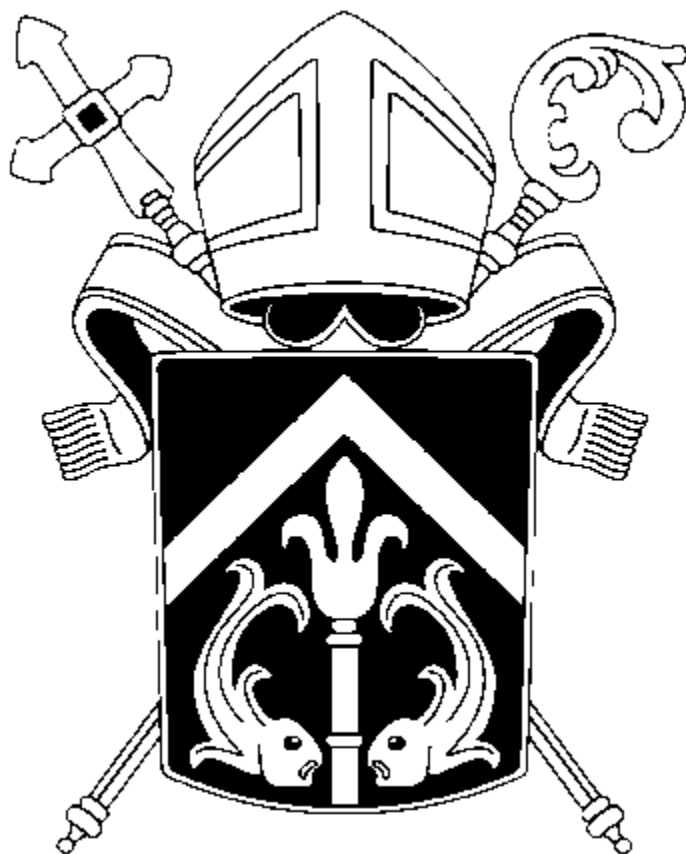
D. José Luiz F. Salles, Bispo Diocesano

A Diocese de Pesqueira  
e as presumíveis aparições  
de Nossa Senhora da Graça

OUTUBRO/2021



## CARTA PASTORAL



Pesqueira, 2021

## Abreviaturas

CDC	Código de Direito Canônico
CIC	Catecismo da Igreja Católica
DAp	Documento de Aparecida
DirPL	Diretório sobre Piedade popular e Liturgia
DGAE	Diretrizes gerais para a ação evangelizadora da Igreja no Brasil
DV	<i>Dei Verbum</i>
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
GE	<i>Gaudete et Exultate</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
MC	<i>Marialis Cultus</i>
RM	<i>Redemptoris Mater</i>
RVM	<i>Rosarium Virginis Mariae</i>
SD1	Subsídios Pastorais 1

**A DIOCESE DE PESQUEIRA**  
**E AS PRESUMÍVEIS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA**  
**(Orientações espirituais e pastorais)**

**Ao clero,**

**Aos fiéis diocesanos,**

**Aos devotos de Nossa Senhora da Graça,**

**A todos os irmãos e irmãs, homens e mulheres de boa vontade,**

**Saúde e paz!**

*A devoção à Virgem Maria se origina, reflete e encontra completa expressão no culto ao Cristo e, por meio dele, no Espírito, conduz ao Pai, tornando-se, assim, um elemento qualificante da genuína piedade da Igreja (Marialis Cultus, Introdução).*

## I PARTE

### FUNDAMENTOS HISTÓRICO-BÍBLICO-TEOLÓGICOS

#### 1. Prelúdio Histórico

1. Em diferentes momentos históricos, a Diocese de Pesqueira foi marcada pelo trabalho de religiosos e instituições que contribuíram para a formação da devoção no Agreste e Sertão de Pernambuco. As ações de diferentes missionários colaboraram com a organização eclesial do lugar, a expansão do catolicismo e a formação dos fiéis.
2. Desde o início do processo de colonização, ainda no povoado da Vila de Cimbres, a criação da Paróquia de Nossa Senhora das Montanhas em 1692, no alto da Serra do Ororubá, fortaleceu os valores da Igreja Católica. A devoção a “Nossa mãe Tamain<sup>1</sup>” foi uma das primeiras expressões católicas da localidade. O culto permanece até os dias atuais, em parceria com o povo Xukuru, que tem colaborado de diferentes formas com os projetos da Diocese.
3. A reorganização eclesial, promovida pela Cúria Romana no final do século XIX, trouxe novas configurações para o território eclesial em Pernambuco. Elevada à categoria de Diocese, a partir de 1918, os religiosos em Pesqueira tiveram condições de direcionar os seus trabalhos em diferentes espaços devocionais, com evangelização, assistência social, projetos educacionais, acompanhamento dos fiéis e cuidado com os mais necessitados (MOURA, 2018).

---

<sup>1</sup> Nome dado à Virgem pelo povo Xukuru.

4. A criação da Diocese de Pesqueira foi assinada pelo papa Bento XV, através da bula *Archidiocesis Olindensis et Recifensis*, em 02 de agosto de 1918. À região foram acrescentadas as paróquias de Pesqueira, Belo Jardim, Brejo da Madre de Deus, Cimbres, Pedra e Buíque, que integravam o território da Arquidiocese de Olinda e Recife. A igreja matriz de Santa Águeda, virgem e mártir, foi elevada a Catedral, com os privilégios que antes competiam a Floresta, tendo a região recebido o nome de *Diocesis Pesqueirensis*. Nesse período, a região eclesiástica abrangia grandes proporções territoriais, com domínios de localidades que se tornaram dioceses durante o século XX, como Petrolina, Afogados da Ingazeira e Floresta (ALVES, 2019).
5. Os desafios da organização do novo território foram colocados à prova, com diferentes dificuldades enfrentadas pela população. Longos períodos de estiagem, ações dos cangaceiros e epidemia de gripe e *tifo* exigiram que a população se mantivesse atenta aos ensinamentos católicos, com o fortalecimento da fé e das atividades religiosas. Os problemas na saúde pública obrigaram o fechamento das igrejas, escolas, a interrupção dos cultos e atividades devocionais. Religiosos, trabalhadores, mulheres e crianças foram vítimas desses problemas durante os anos de 1920 e 1930. Os meios de comunicação demonstraram como as populações de diferentes cidades foram atingidas.
6. Foi nesse cenário social que, a partir de 06 de agosto de 1936, data da transfiguração do Senhor, após realizar as suas atividades diárias e

coletar mamonas<sup>2</sup>, Maria da Luz Teixeira de Carvalho (1922-2013) (Ir. Adélia) e Maria da Conceição da Silva (1920-1999), de 13 e 16 anos respectivamente, relataram uma experiência com Nossa Senhora que, quando questionada a sua identidade, respondeu “eu sou a Graça”. Os encontros aconteceram durante todo o mês de agosto, mas com contínuos relatos durante toda a vida das duas personagens. Os eventos aconteceram na região do Guarda, aldeia localizada no município de Pesqueira, terras pertencentes ao povo Xukuru do Ororubá, sob a administração da paróquia indígena de Nossa Senhora das Montanhas.

7. Os jornais do período relataram que após as primeiras notícias se constatou uma grande circulação de fiéis oriundos de várias cidades em Pernambuco. Naquele instante, a Vila de Cimbres foi tomada por “[...] uma multidão incalculável [...] [que] procurava o local onde duas creanças (sic) teriam visto a imagem de Nossa Senhora. A noticia (sic) do milagroso acontecimento logo chegou aos ouvidos de todos os sertanejos [...]” (Jornal Pequeno, 02 set. 1936, p. 01-02).
8. Os dias que se seguiram foram marcados por uma inicial desconfiança dos familiares, silenciamento das autoridades eclesiásticas e a tentativa de parte dos governantes de interromper a devoção do povo. Devido às movimentações no local após as primeiras visões, os relatos se tornaram caso de polícia, com a detenção do pai de Maria da Luz, a presença de vigilância armada na região e ameaças às manifestações

---

<sup>2</sup> Planta localizada na região, originária da Ásia, utilizada no setor produtivo para a elaboração de óleos.

de fé. No entanto, as aparições foram acompanhadas por um processo de legitimação dos fiéis que, em uma região com diferentes problemas sociais, buscavam conexões com o divino.

9. As narrativas oriundas de Pesqueira, construídas pelas videntes, fiéis e parte do clero, coadunavam com os projetos de recatolização do início do século XX, da expansão dos ensinamentos católicos e a organização de novas devoções, baseados em ações internacionais de reafirmação dos valores da Igreja. Os eventos em Cimbres mantiveram conexões com outros acontecimentos, como em Aparecida (Brasil, 1717), Lourdes (França, 1858) e Fátima (Portugal, 1917), mas resguardaram as particularidades locais, com instantes de devoções acompanhados por demonstrações da presença de Maria para outros personagens além das crianças.
10. São vários os relatos de curas, graças, milagres e conversões alcançadas por fiéis que visitaram a localidade das presumíveis aparições desde agosto de 1936. Essas narrativas sobre aparições marianas podem ser consideradas a demonstração da presença de Maria, especialmente, a reafirmação dos eventos em torno das aparições, a partir de uma rede visionária, com o cumprimento da exigência de se tornar um momento público (RATZINGER, 2000).
11. Por determinação de Dom Adalberto Accioli Sobral (1887-1951)<sup>3</sup>, o padre José Kehrlé (1891-1978), seu secretário, e Frei Estevam Roettger, OFM (1877-1955), acompanharam os fatos, com diferentes interrogatórios às crianças, com o parecer favorável sobre os eventos e

---

<sup>3</sup> Segundo bispo de Pesqueira. Administrou a diocese no período de 1934 a 1947.



o atestado da sua veracidade. Durante as análises, os eclesiásticos fizeram investigações das mais variadas formas, com interrogatórios e observações do que foi relatado pelas videntes. Entre as suas estratégias, acompanharam pessoalmente as presumíveis aparições, com indagações que buscavam confrontar as informações e identificar alguma suposta inverdade. Mesmo assim, todos os relatos foram confirmados e contribuíram com os projetos da Igreja Católica no Brasil.

12. Os eventos em torno das presumíveis aparições de Nossa Senhora da Graça colaboraram com a descentralização dos cultos, não se concentrando apenas nos centros urbanos, mas expandindo para lugares distantes das capitais, com características fundamentais para a reafirmação de uma rede de devoção conectada com outros espaços marianos. Durante a década de 1930, a imprensa pernambucana enfatizou que “a notícia que corre pelos sertões [...] levou [...] a Cimbres [...] para mais de três mil pessoas. [...] cada dia aumenta o número de romeiros, ansiosos de vêr (sic) a Santa ou ouvir das meninas, que têm esse privilégio, palavras de conforto” (Jornal Pequeno, 15 set. 1936. p. 01; KEHRLE, 1941. S/p).
13. As aproximações dos eventos marianos em Cimbres com outros espaços de devoção do início do século XX foram percebidas pelos inquisidores das videntes. Para Frei Estevam Roettger, se “mais de uma pessoa veio dizendo:- “Não, Nossa Senhora não pode se manifestar aqui no Brasil [...]”, devia-se responder: - “Meu amigo, lê primeiro e considera bem, o que, e como Nossa Senhora fez em La Sallete (1846),

em Lourdes (1858) e em Fátima (1917) e em outros lugares!” (ROETTGER, 1947, s.p).

14. As narrativas históricas sobre os eventos na Diocese de Pesqueira podem ser compreendidas a partir das afirmativas presentes no Diário do Frei Estevam Roettger. Para o eclesiástico, quem “[...] acompanha atentamente os acontecimentos do Sítio Guarda no ano de 1936, há-de se convencer que foi ‘Nossa Senhora da Graça ou das Graças’ que se manifestou e que na bondade do seu Coração maternal quer ajudar aos homens a se salvarem” (ROETTGER, 1947. S/p.). As romarias, as ações de fiéis e religiosos mantidas até os dias atuais demonstram a importância do evento para as ações religiosas da Igreja Católica, não apenas em nossa diocese, mas em todos os espaços e manifestações do culto mariano.

## **2. Prelúdio Bíblico**

15. Um dos princípios fundamentais do mundo bíblico é a impossibilidade de se ver Deus. A cultura hebraica é eminentemente anicônica, isto é, há a plena impossibilidade de representação de Deus por meio de imagens. Isso é cláusula pétrea da constituição do povo de Deus, o Decálogo (Ex 20,4-6). De fato, é imensa a distância entre a santidade de Deus e a pequenez do ser humano. Deus assegura, como princípio global: “Não poderás ver minha face, porque ninguém pode ver-me e permanecer vivo” (Ex 33,20-23). Na mesma linha, encontramos citações como: Ex 19,21; Lv 16,2; Nm 4,20; Is 6,5; Jo 1,18; e 1Tm 6,16.

Por isso Moisés e Elias, por exemplo, cobrem o rosto, para não correrem o perigo de ver a Deus (Ex 3,6; 1Rs 19,13).

16. Na própria Sagrada Escritura, contudo, encontramos passagens noutra direção, demonstrando que Deus pode revelar ao ser humano algo de sua identidade. Moisés, Aarão, Nadab, Abiú e setenta anciãos veem a Deus. Esses líderes, na ocasião da conclusão da Aliança, contemplam Deus, mas sem figura definida. Predomina o esplendor e a glória do Senhor (Ex 24,9-11). O único personagem bíblico que, de fato e plenamente, diz ter visto Deus face a face e permaneceu vivo foi Jacó. Ele chama o lugar de Fanuel, que significa “face de Deus” (Gn 32,31). Dt 5,24 é uma evolução no pensamento bíblico sobre a experiência de Deus, mas, trata-se de Moisés e dos chefes de Israel como mediadores: “O Senhor, nosso Deus, nos fez ver sua glória e sua grandeza, e ouvimos a sua voz no meio do fogo. Hoje vimos que Deus pode falar ao ser humano, e este continuar vivo”. Como se percebe, trata-se de uma experiência de audição. A contemplação é da glória e do resplendor indistinto.
17. Noutra vertente teológica, aparece o “anjo do Senhor” como uma espécie de eufemismo para falar da própria presença e da aparição de Deus. Nesse caso, o anjo não é um mensageiro de Deus apenas. É algo como uma emanção da própria glória, da própria presença do Senhor. Dois testemunhos são bem contundentes no Livro dos Juízes. Em Jz 6,22, na experiência de Gedeão: “Ao perceber que era o anjo do Senhor, Gedeão exclamou: ‘Ai de mim, Senhor Deus, porque vi o anjo do Senhor face a face!’”. De modo mais explícito, encontramos essa

experiência na ocasião do sacrifício de Manué e sua esposa. Na chama do sacrifício, eles veem o anjo do Senhor. Manué, então, conclui: “Certamente vamos morrer, porque vimos a Deus” (Jz 13,22). Há, portanto, uma identificação entre Deus e o anjo do Senhor.

18. Com o passar dos séculos e por influxo de outras culturas, Israel desenvolve uma complexa e intrincada angeologia<sup>4</sup>. Desta feita, não se trata mais da própria presença de Deus, mas de um seu mensageiro, como um ser espiritual, não corporal e dotado de inteligência espiritual e vontade. O testemunho da Sagrada Escritura e da Sagrada Tradição sobre os anjos é extremamente rico (Mt 25,31; Cl 1,16; Hb 1,14; Jó 38,7; Ex 23,20-23; Jz 6,11-24). Eles são servidores de Deus, obedientes e executores de sua vontade (CIC, 329). Na liturgia da Igreja Católica, há espaço para a festa dos Arcanjos Miguel (Ap 12,7), Gabriel (Lc 1,19) e Rafael (Tb 12), como também para os Anjos da Guarda (Mt 18,10).
19. Um passo importante, no universo bíblico, é a reflexão sobre a revelação de Deus, em Cristo Jesus. O prólogo da Carta aos Hebreus, no que diz respeito à revelação, estabelece o critério fundamental, expressando as balizas dentro das quais podemos nos mover: Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais pelos profetas. Nesses dias, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual também criou o universo. Ele é o resplendor da glória do Pai, a expressão do seu ser (Hb 1,1-3a). Que definição tão bela para falar da revelação de

---

<sup>4</sup> Parte da teologia que se ocupa do estudo dos anjos.

Deus em seu Filho Jesus. Ele é o ápice da revelação. Antes dele, contudo, a revelação foi preparada: Deus falou aos nossos pais pelos profetas, pelos acontecimentos, pela própria exuberância da natureza. Durante séculos, ansiosamente, o povo da Aliança esperou a manifestação do Messias Crucificado e Filho de Deus. A Carta aos Hebreus usa o simples e genérico verbo falar (*laleo*). Nosso Deus fala-nos como a amigos e convive com a humanidade (DV, n. 2). É capaz de interlocução, analogicamente necessita de um outro para expressar sua alteridade.

20. Durante o ministério público de Jesus, há experiências de revelação numinosa, verdadeiras cristofanias. Basta lembrar a caminhada sobre as águas, quando os discípulos imaginam que seja um fantasma (Mc 6,45-52). Talvez a mais tocante seja a Transfiguração. No caminho de subida para a cruz, Jesus, de algum modo, antecipa a experiência luminosa da ressurreição. É o gozo antecipado da Páscoa. Aparecem também, aos três discípulos, Elias e Moisés, como testemunho de todo o Antigo Testamento. Os discípulos se sentem tão revigorados que desejam permanecer naquela experiência de consolação, mas os desafios da missão estão na planície.
21. São, contudo, as aparições do Ressuscitado os testemunhos mais eloquentes de manifestação cristofânica. Alguns verbos são utilizados para expressar a aparição, geralmente na voz passiva: *faino*, que significa ser resplendente, evidente, aparecer; *faneroó*, aparecer, ser visto, tornar-se manifesto; *theáomai*, ser visto atentamente, ser contemplado. De modo ativo, encontra-se também o verbo *hístemi*,

que significa estar de pé, levantar-se diante de outras pessoas. E o verbo vir, em sua simplicidade (*érchomai*). Cristo vem, dá-se a ver, permite ser contemplado em sua glória e esplendor. Para a teologia católica, sempre que se pensa Cristo deve-se pensar no “Cristo total”. Como diz Paulo em Cl 1,18: “Ele é a Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo”. A Igreja participa plenamente da glória de Cristo. E o membro mais insigne da Igreja é Maria. É a criatura nova por excelência. Entrou inteira no mistério da glória do seu Filho, já que pertence plenamente a ele (1Cor 15,23), é a Serva do Senhor (Lc 1,38), a peregrina da fé (Lc 1,45) e a discípula perfeita.

22. Por honestidade intelectual, temos que afirmar que, na Igreja, não existe um posicionamento único e homogêneo a respeito das aparições de Nossa Senhora. O princípio fundamental é o da prudência. Cada caso deve ser investigado pelas autoridades competentes, para que se evite todo espírito de frenesi e de fundamentalismo religioso exaltado. Depois da aparição da Virgem de Guadalupe, no México, em 1531, os eventos extraordinários das aparições de Nossa Senhora tiveram um grande incremento no século XIX, especialmente com as aparições de Nossa Senhora das Graças com a Medalha Milagrosa, em Paris (1830), de Nossa Senhora de La Salette (1846) e de Nossa Senhora de Lourdes (1858). O imaginário simbólico utilizado em cada aparição e a solicitude dos bispos e sacerdotes foram bem significativos em vista do reconhecimento das aparições, divulgação do fenômeno, correção de desvios e adesão popular. Logo, esses locais se tornaram pontos de peregrinação.

23. Nos Santuários Marianos, há dois elementos bíblicos fundamentais, que ainda precisam ser aprofundados. Primeiro, a peregrinação; o povo de Deus da Bíblia é eminentemente um povo peregrino: caminha para a Terra Prometida, retorna do exílio babilônico, marcha com Jesus pelas estradas do Reino e, sobretudo, rumo à pátria definitiva. A peregrinação para os santuários marianos é uma grande metáfora da própria vida humana e da experiência de fé. Outro elemento fundamental é a misericórdia de Deus e a alegria. Nos santuários, desde os tempos bíblicos, os peregrinos encontram a revelação dos oráculos de Deus, a cura de suas enfermidades, o perdão dos seus pecados, o reabastecimento da esperança para o retorno às labutas e às lidas cotidianas. Se o santuário é mariano, mais ainda: revela-se, de modo profundo, a maternidade de Deus na presença amorosa de Maria.

### **3. Dimensão Teológica das Aparições**

24. Deus, desde a sua criação, tem como desejo a Aliança com todos os homens e mulheres de boa vontade. Ele se autorrevelou, propondo ao ser humano um caminho de salvação, que envolve a totalidade da sua existência. Na sua bondade e sabedoria, revelou-se a si mesmo e deu a conhecer o mistério da sua vontade, mediante o qual os homens e mulheres, por meio de Cristo, têm acesso no Espírito Santo ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf.: DV, n. 2). Tendo falado de diferentes modos, desde a criação, em um determinado tempo e

espaço escolheu o povo de Israel para fazer com ele uma Aliança e de forma explícita e paradigmática, autorrevelar-se (DV, n. 3). O ápice dessa Revelação é a pessoa de Jesus Cristo e a Igreja não espera nenhuma revelação que, de alguma forma, complete ou amplie a Revelação manifestada por ele (DV, n. 4).

25. É verdade que, desfeita a unidade do gênero humano pelo pecado, Deus procurou imediatamente no decurso da história fazer alianças com o seu povo, através de Abraão e dos patriarcas. Depois formou Israel como seu povo, salvando da escravidão do Egito com a mediação de Moisés. Pelos profetas, Deus preparou o seu povo para a salvação, apresentando a perspectiva de uma nova e eterna aliança que teve o seu cume no Filho.
26. “Em virtude desta revelação, Deus invisível (cf.: Cl 1,15; 1 Tm 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cf.: Ex 33, 11; Jo 15,14-15) e convive com eles (cf.: Br 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. Esta ‘economia’ da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação” (DV, n. 2).



27. Como afirma o Catecismo da Igreja Católica: “Cristo, o Filho de Deus feito homem é a Palavra única, perfeita e insuperável do Pai. Nele o Pai disse tudo, e não haverá outra palavra senão esta” (CIC, n. 65). Por isso, não precisamos esperar nenhuma outra revelação pública antes da *Parusia*. A nova economia nos apresenta o tempo de Cristo e o tempo do Espírito. O tempo de Cristo tem o seu ápice na Encarnação do Verbo e no mistério da redenção do homem. Jesus inaugura o novo tempo! Com a sua ressurreição e permanência terrena até a Ascensão, teremos a continuidade da obra do Pai e sua atualização no dom do Espírito Santo, que fará os discípulos assimilarem e compreenderem a revelação de Deus em Cristo.
28. Deus, no seu desejo de nos propor permanentemente a sua oferta de salvação, utiliza-se de diferentes meios para atingir o coração do ser humano, oferecendo a sua infinita misericórdia. No que se refere às revelações particulares, que após apurado discernimento da Igreja possam ser reconhecidas como a manifestação sobrenatural, não complementam, nem ampliam a Revelação, elas são mediações para a confirmação dos elementos essenciais da Revelação de Jesus Cristo. São mediações que cooperam na orientação do povo de Deus, frente à oferta graciosa de Deus para a salvação de todos os seres humanos. O critério da verdade de uma revelação particular é a sua orientação para o próprio Cristo. Quando ela nos afasta d’Ele, certamente não vem do Espírito Santo, que nos guia no âmbito do Evangelho e não fora dele (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1978, Nota preliminar n. 3).

29. É importante distinguir a “Revelação” plena em Jesus Cristo das “revelações privadas ou particulares”, que têm o papel de ajudar os fiéis a viver, de forma mais plena, em um determinado contexto histórico, a Revelação definitiva, que nos foi anunciada por Jesus Cristo. Segundo os critérios de discernimento da Igreja, o critério para que uma revelação privada seja reconhecida como verdade é a sua clara orientação para o próprio Cristo (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1978). As revelações privadas são mediações que ajudam a fé da comunidade eclesial e a sua credibilidade está justamente em apontar para a única e definitiva Revelação pública, que é Jesus Cristo. Essas revelações particulares nos ajudam a compreender a única e definitiva revelação de Cristo.
30. Nesse sentido, o discernimento da Igreja para possíveis reconhecimento e aprovação de uma revelação privada está diretamente associado à coerência da revelação particular com a Revelação pública e paradigmática que tem a sua plena e definitiva realização em Jesus Cristo. Ela não deve conter nada que contradiga e/ou afaste o povo de Deus da verdade anunciada por Jesus Cristo. Como nos orienta o Catecismo da Igreja sobre esse tema: “No decurso dos séculos tem havido revelações ditas ‘privadas’, algumas das quais foram reconhecidas pela autoridade da Igreja. Todavia, não pertencem ao depósito da fé. O seu papel não é ‘aperfeiçoar’ ou ‘completar’ a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a vivê-la mais plenamente, numa determinada época da história. Guiado pelo Magistério da Igreja, o sentir dos fiéis sabe discernir e guardar o que nestas

revelações constitui um apelo autêntico de Cristo ou dos seus santos à Igreja. A fé cristã não pode aceitar ‘revelações’ que pretendam ultrapassar ou corrigir a Revelação de que Cristo é a plenitude. É o caso de certas religiões não cristãs, e também de certas seitas recentes, fundadas sobre tais ‘revelações’” (CIC, n. 67).

31. Na caminhada da Igreja, ao longo dos séculos, muitas das aparições privadas estão relacionadas à Virgem Maria. “Fazei tudo que ele vos disser” (Jo 2,5), com essas palavras, Maria está presente no início da vida pública de Jesus e já se apresenta como a discípula da missão do seu filho. Nessa afirmação, Maria condensa a sua participação na missão do filho, sendo ela, por excelência, a primeira a fazer o que Ele manda e ela nos exorta a fazermos o mesmo. Para Maria, Cristo é o centro absoluto de sua existência. “O lugar que Maria ocupa na Igreja, segundo o Concílio Vaticano II é, “depois de Cristo, o mais alto e o mais perto de nós” (LG, n. 54; MC, n. 28). Ela é, por um lado, a “Mãe do Redentor”, associada ao mistério de Cristo; por outro lado, ela é a perfeita seguidora de seu Filho na fé, está no centro da Igreja, que está a caminho (RM, n. 1; CNBB, 2009, p. 35).
32. O Concílio Vaticano II nos ajudou a compreender a figura da Virgem Maria dentro do mistério cristão, que une Cristo e a Igreja, associando a Virgem Maria à própria missão do Filho, expressando a raiz da ligação dela com toda a humanidade que deve ser salva. Por isso, Maria é o modelo da Igreja (CNBB, 2009, p. 37).
33. A complexidade da “mudança de época”, na qual estamos inseridos, exige de nós um profundo discernimento em relação a essas possíveis

revelações particulares e aparições, no seio do povo de Deus. A Igreja nos orienta que, frente a uma presumível aparição ou revelação, deve-se, em primeiro lugar, julgar sobre o fato, segundo critérios positivos e negativos; caso o discernimento chegue a uma conclusão favorável, devem-se permitir algumas manifestações públicas de culto ou de devoção e, à luz do tempo transcorrido e da experiência, o bispo deve expressar um juízo sobre a verdade e a sobrenaturalidade (*veritate et supernaturalitate*) do fenômeno, se o caso exigir (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1978, Nota preliminar n. 2).

34. Hoje, em uma sociedade profundamente midiática, e de forte tendência a um aguçado subjetivismo religioso, surgem muitas formas de expressão da fé, muitas vezes, autônomas em relação à comunidade eclesial, exigindo da Igreja orientações que ajudem o povo de Deus na vivência da fé e do seguimento da pessoa de Jesus Cristo.

## II PARTE

### MISSÃO, SILÊNCIO E ANÚNCIO

#### 1. Jesus, Mestre e Pastor, solidário com os necessitados.

35. Jesus, Bom Pastor, percorria os caminhos de sua terra “ensinando em suas sinagogas, proclamando a Boa-nova do Reino, e curando todo tipo de doença e debilidade entre o povo” (Mt 4, 23). Sempre sensível aos que dele mais necessitavam, procurou iluminar o mundo com uma mensagem nova, cheia de conteúdo transformador e libertador. Anunciou o Reino de Deus como um reino de justiça, de liberdade, de esperança, de amor e de paz. Fez-se não somente porta-voz do Reino, mas o manifestou através de suas palavras e gestos. Sua presença na história é a prova de que ninguém “poderá dizer: ‘Está aqui!’ ou ‘Está ali’, pois o Reino de Deus está no meio de nós” (Lc 17,21). Movidado por profundo sentimento de compaixão, Jesus fez-se a legítima expressão da misericórdia do Pai, compadecendo-se da dor e do sofrimento de multidões que, aos seus olhos, “estavam desorientadas e indefesas, como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9, 36). Esse povo, que andava obscurecido pelas trevas, encontrou em Jesus a Vida e a Luz que, vindo ao mundo, ilumina todo ser humano (cf.: Jo 1, 4; 10).
36. Em sua solicitude pastoral, Jesus se dirigia a todo o povo, demonstrando, contudo, maior atenção aos desprezados pela sociedade de seu tempo: pobres, doentes, mulheres, pecadores públicos... Os ricos, porém, não ficaram alheios ao seu olhar, alertando-os, contudo, sobre o cuidado para que não se perdessem na

idolatria de suas riquezas, mas que fossem desapegados e se colocassem num processo de conversão à vivência e testemunho de uma autêntica caridade nas relações. Ninguém foi afastado do encontro com o seu amor misericordioso e compassivo.

37. Visto e observado por muitos, Jesus andou pelas aldeias e vilarejos semeando a Boa-nova como porta-voz do céu, gerando controvérsias, convertendo a muitos e não deixando ninguém à margem da vida ou na solidão. Sua luz iluminou a vida de muita gente, com a força de sua palavra firme, penetrante, questionadora e transformadora e a autoridade de seus gestos, pois Ele “fez bem todas as coisas” (cf.: Mc 7,37). Sua mensagem segue transformando a vida de qualquer pessoa que se deixe por ele tocar.
38. Fiel ao projeto e à missão que lhe foram confiados pelo Pai, Jesus, “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1). Sua morte de cruz foi o preço de tamanha fidelidade, consumada no amor sem limites. Contudo, a sua vitória sobre a morte, penhor da imortalidade humana, é garantia de que toda dor e sofrimento, vividos a partir da configuração a Cristo, no mistério da cruz e da participação no seu sofrimento, possui uma eficácia redentora (cf.: SD, n. 19). Permanecendo sempre junto ao povo que lhe é fiel, mediante o seu Espírito, Jesus Cristo torna-se para a Igreja o fundamento de sua fé, a certeza de vitória e imortalidade e a garantia de vida eterna, quando da sua vinda, que a Igreja, peregrina na história, aguarda e anseia com firme esperança.

## 2. A Igreja, continuadora da missão de Jesus

39. Jesus formou em torno de si uma comunidade de discípulos que foi confirmada com o dom do Espírito depois da ressurreição. A esta comunidade, Ele confiou a tarefa de continuar o anúncio do Reino, concretizado em sua vida terrena e consumado no mistério de sua Páscoa, e de empenhar-se pela sua instauração em todos os povos (cf.: LG, n. 5). Por isso, a Igreja segue o seu caminho e a sua missão como continuadora do que disse e fez Jesus. Nela, Jesus revive em cada batizado, a ele configurado pela graça do sacramento, e continua na história sua obra de amor, que tem como desígnio a salvação do gênero humano. A Igreja, em cada tempo e lugar, busca assimilar e viver as palavras de Jesus dirigidas aos apóstolos, na tarde do mesmo dia da ressurreição: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20,21).
40. Esse mandato é também renovado no alto da montanha, no momento da Ascensão, quando a pequena Comunidade Apostólica é enviada em missão até os confins da terra: “... ide e fazei com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar o que vos ordenei” (Mt 28, 19-20). Para a Igreja nascente, essa palavra do Ressuscitado abre um largo horizonte, um futuro sem limites, assinalado pelo impulso desse mandato paternal e afetuoso do Mestre.
41. “Ide por todo o mundo e ensinai a todos os povos” (Mc 16,15). Essa missão, confiada por Jesus aos seus discípulos, assinala o compasso do

caminho da Igreja na história em sua sublime tarefa de ensinar. Radicada na verdade como ponto de partida e meta a ser alcançada, e com ela empenhada enquanto dinamismo perene de sua ação, a Igreja, em atitude de escuta da Palavra e iluminada pela luz do Espírito Santo, busca discernir e responder de forma adequada aos sinais dos tempos e dos lugares, com uma palavra que faz eco à autoridade com a qual ela foi revestida pelo Senhor, quando proclama: “Quem vos ouve, a mim ouve” (Lc 10,16).

### **3. A Diocese de Pesqueira e sua missão**

42. A Igreja, chamada a continuar a missão e a presença de Jesus na história, enquanto mistério de comunhão, faz-se presente e se concretiza nas Igrejas particulares, isto é, nas dioceses espalhadas pelo mundo. A Igreja de Cristo existe em cada Igreja local de forma plena, mesmo que as dioceses sejam pequenas e dispersas (cf.: can. 368). Estas nascem não simplesmente de uma necessidade ou exigência administrativa, mas índole local da Igreja. Sobre esse fundamento, nasce a Igreja particular de Pesqueira, inserida na grande comunhão universal da Igreja.
43. À luz desse princípio e por ele guiada, a Igreja de Cristo que está na Diocese de Pesqueira realiza a sua missão evangelizadora sob o imperativo do mandato de Jesus. A história dessa Igreja particular tem seus sinais de expressão já bem antes de ser erigida, quando os missionários Oratorianos e Capuchinhos, ardorosamente, adentraram



os sertões da Capitania para anunciar a Boa-nova de Jesus. Soma-se a essa primeira evangelização a atuação dos Frades Menores com a construção de dois conventos no território diocesano e da sua atuação nos curatos.

44. Entre os vários rincões da Diocese de Pesqueira, caracterizados por forte missionária da Igreja, encontra-se a Vila de Cimbres, encravada no alto da majestosa Serra do Ororubá. Foi a fé que moldou a identidade dessa Vila, que se distingue pela presença dos povos indígenas das etnias Xukurus e Paratiós, e tornou possível a criação da Paróquia Nossa Senhora das Montanhas, para atender às exigências da Evangelização nesse território geográfico e cultural, ligado a essa “Vilamãe”, que se tornaria filha dileta da cidade de Pesqueira.
45. A Diocese de Pesqueira segue o seu caminho pastoral atenta às exigências de sua vocação e missão, sustentada por Jesus Cristo, seu fundamento e pedra angular, fiel ao mandato do Senhor, anunciando a Boa-nova a todos, alimentando os seus filhos e filhas pela Palavra, pela vivência dos sacramentos, sendo para os fiéis e com eles, sinal da vivência da caridade de Cristo, especialmente junto aos mais necessitados e excluídos. Com traços que lhe são característicos e distintivos, a Diocese de Pesqueira, através da cura pastoral, que se expressa em suas ações e obras, é presença viva da Igreja no território geográfico e humano no qual ela está inserida.

#### 4. Uma Igreja com rosto mariano

46. A Igreja particular de Pesqueira, ao longo de sua história, sempre foi marcada por uma forte característica mariana, presente em toda a sua atividade pastoral e na espiritualidade do seu povo. Essa nota mariana da Igreja, no dizer de São João Paulo II, “revela-se em numerosas manifestações na vida dos fiéis, testemunhando o lugar de Maria em seus corações. Não se trata de um sentimento superficial, mas de um vínculo afetivo profundo e consciente, radicado na fé, que impele os cristãos de ontem e de hoje a recorrerem habitualmente a Maria para entrarem em uma comunhão mais íntima com Cristo” (cf.: João Paulo II, 1995). Desse modo, a índole da devoção mariana, na Diocese, assim como em toda a Igreja, fundamenta-se e se manifesta sempre a partir dos referenciais cristológico e eclesial, isto é, da relação da Virgem Maria com Cristo e com a Igreja.
47. Em sua sensibilidade pastoral, a Diocese de Pesqueira, busca agir seguindo o exemplo da Virgem Maria, que “partiu pela região montanhosa, apressadamente, para visitar a sua prima Isabel” (cf.: Lc 1,39); e que, nas bodas de Caná, apontando para o seu Filho, ordenou aos que serviam: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,9). Nossa Igreja Particular olha e contempla a Virgem Maria como seu modelo, espelho e figura, tal como nos ensina o Concílio (cf.: LG, n. 63); com Ela confronta-se continuamente para compreender-se e ser fiel à sua vocação e missão. É consciente de que “tudo na Igreja, qualquer instituição e ministério, também o de Pedro e dos seus sucessores,

está 'incluído' sob o manto da Virgem, no espaço pleno da graça do seu 'sim' à vontade de Deus. Trata-se de um vínculo que em todos nós tem naturalmente um forte eco afetivo, mas, antes de tudo, possui um valor objetivo..." (cf.: BENTO XVI, 2006). Mais do que uma devoção, o rosto mariano da Diocese é um jeito, um modo de ser Igreja.

48. O influxo da devoção é percebido e sentido em todos os recantos desta Igreja Particular. Porém, é da Serra do Ororubá que emana, como uma fonte, a expressão mais visível da espiritualidade mariana em nossa Diocese, alimentada pela fé, pelo amor e pela perseverança dos fiéis, que cultivaram naquele lugar uma devoção intensa, robusta e constante para com a Mãe de Deus e da Igreja. É ali que, aos pés de Nossa Senhora das Montanhas, o povo devoto reencontra o nascedouro da vida cristã, a "porta" que lhe permitiu o acesso à experiência da fé e à sua inserção na vida da Igreja.
49. Ao tratarmos da presença da Virgem Maria na vida e na caminhada de nossa Igreja particular, não podemos ignorar os eventos e fenômenos que ocorreram na Aldeia Guarda, no ano de 1936, que envolvem presumíveis manifestações de Nossa Senhora, lidas pela sensibilidade de nosso povo como expressão da solicitude da Mãe que, novamente, sobe a montanha para visitar o seu povo.
50. No ano de 1936, duas adolescentes, Maria da Luz e Maria da Conceição, relatam que, indo colher mamonas, atemorizadas pela ameaça da presença de cangaceiros, mas confiantes na proteção de Nossa Senhora, teriam visto pela primeira vez, na Serra do Ororubá, a Virgem Maria que, ao ser indagada qual o seu nome, respondeu: "Eu

sou a graça”. As presumíveis aparições aconteceram em vários períodos, tendo como ponto central das mensagens: penitência, oração e conversão, para não ver sangue derramado (KEHRLE, 1941, S/p). Nesse período histórico, o Brasil vivia a revolução de 1930 e a ameaça do comunismo.

51. Os desdobramentos sucessivos aos acontecimentos da Aldeia Guarda, marcados por diversas vicissitudes, por omissões e, até mesmo, por tentativas de instrumentalização, não estancaram o influxo da memória do evento e de sua mensagem na vida dos fiéis.
52. Essa “visita de Maria” pode ser interpretada como expressão do perene exercício da maternidade espiritual na Igreja, na ordem da graça. Ela, que junto à Igreja peregrina “... cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada” (LG, n. 62). Naquele lugar é possível viver o encontro com Nossa Senhora no espírito das bem-aventuranças evangélicas (Mt 5,1-10), na perspectiva do Reino de Deus, inaugurado em Jesus. A Virgem Maria surge à mulher pobre em espírito, solidária na aflição, revestida ternura e mansidão faminta e sedenta de justiça, misericordiosa, pura de coração, promotora e rainha da paz. Como nos ensina o Papa Francisco: “Ela viveu como ninguém as bem-aventuranças de Jesus” (GE, n. 176) e, por isso, é modelo para todos os cristãos e inspiração para a Igreja na sua ação pastoral e evangelizadora.
53. A Exortação apostólica *Marialis Cultus*, ao tratar da relação entre Maria e a liturgia, contemplando-a “como exemplar da atitude

espiritual com que a Igreja celebra e vive os divinos mistérios” (MC, n. 16), descreve Nossa Senhora como: a “*Virgem que sabe ouvir*, que acolhe a palavra de Deus com fé” (MC, n. 17); a *Virgem entregue à oração* (MC, n. 18); “a *Virgem Mãe*, (...) que pela sua fé e obediência, gerou na terra o próprio Filho de Deus Pai” (MC, n. 19) e a *Virgem oferente* (MC, n. 20). Essas notas características da exemplaridade de Maria de Nazaré nos são oferecidas também como referenciais para a incrementação de uma autêntica pastoral, compreendida e consolidada em chave mariana. Ao contemplar a pessoa de Maria, a nossa Igreja particular se reconhece em suas atitudes fundamentais e, sensível às demandas pastorais, busca caminhar sobre essas linhas que definem os traços de nossa identidade e de nosso agir eclesial.

## **5. Aldeia Guarda: “casa” de Maria, lugar de encontro, de escuta e anúncio do Evangelho.**

54. O nosso olhar eclesial sobre a Aldeia Guarda não pode ignorar o impacto dos eventos lá ocorridos, cuja memória permaneceu latente na vida da comunidade dos fiéis e de tantos peregrinos que, desde o início, para lá acorrem. O ambiente austero, que atrai e fascina, respira a presença discreta da Virgem Maria e, como casa materna, acolhe a todos. Podemos descrever a Aldeia a partir de algumas notas que lhe são características:

55. **Lugar de encontro.** Advindos dos mais diversos lugares, os devotos visitam a Aldeia Guarda, vivem uma profunda experiência de encontro com Deus, com a Virgem Maria e com seus irmãos e irmãs. Nesse

espaço privilegiado de convergência de corações sedentos e famintos, “pode se observar como Maria reúne ao seu redor os filhos que, com grandes sacrifícios, vêm peregrinos para vê-la e deixar se olhar por ela. Lá encontram a força de Deus para suportar os sofrimentos e as fadigas” (EG, n. 286).

56. **Lugar de silêncio, de oração, de clamores silenciosos e de reconciliação:** Os tantos romeiros e romeiras que acorrem a esse local de peregrinações trazem nos seus corações tristezas, angústias, alegrias, esperanças, gratidão, certezas e incertezas, e se deixam mover por um amor filial e confiante. Na Aldeia Guarda, Deus se deixa experimentar por todos quantos o buscam de coração sincero, a partir dos sacramentos, especialmente da Penitência e da Eucaristia. Ali são vividas e testemunhadas experiências de conversão profunda, de volta à vivência da fé, de reencontro com a Igreja. É um local onde a presença de Maria se faz sentir como sinal de esperança certa e de consolação para o povo Deus peregrino (LG, n. 68). Ali se ouve o eco do seu constante apelo: Fazei o que Ele vos disser (Jo 2,5).
57. **Lugar de piedade e devoção:** Na Aldeia Guarda, a piedade popular tem um espaço expressivo de importância, caracterizado, dentre outras formas de devoção, pela peregrinação (DirPL, n. 19). Nas peregrinações, encontra-se um povo sofrido, mas que traz consigo a singeleza de uma fé sempre firme, expressa em variadas formas de piedade popular, sobretudo em dois grandes momentos marianos: a recitação do Terço e o canto do Ofício de Nossa Senhora, orações

solidamente fundamentadas nas Escrituras, que nos lábios do povo devoto da Virgem da Graça ganham a sua mais legítima expressão.

58. **Lugar de vocações.** Digna de registro e observação é a presença de sacerdotes e pessoas consagradas, reflexo claro de um cuidado especial com as vocações, transmitido no passado pela Irmã Adélia, uma das videntes. A Aldeia Guarda é lugar onde se despertam e são alimentadas muitas vocações para a Igreja.
59. **Um lugar de evangelização.** A presença constante de fiéis e devotos levou nossa Diocese a perceber a Aldeia Guarda como espaço privilegiado de evangelização. Lugar de anúncio e testemunho da Palavra, de encontro e vivência da dimensão sacramental e litúrgica da Igreja, de experiência da comunhão eclesial, tendo em vista o aprofundamento e a vivência ativa da própria fé (cf.: Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, 1999, p. 25-37).

## **6. A fecundidade de um silêncio que fala.**

60. Quando se visita a Aldeia Guarda, deparamo-nos com algo de extraordinário em meio às orações e a fervorosa devoção. Há um silêncio que fala por si mesmo, transmitindo lições de vida. Esse silêncio nos leva a uma constatação que nos edifica: a exemplo da própria Virgem Maria que, no silêncio, conservava os acontecimentos, meditando-os no seu coração (cf.: Lc 2, 19), somos despertados para a necessidade de renovar “em nós a estima pelo silêncio”, no qual se encerra o mistério, e de aprender as vias do recolhimento, que nos

dispõe a “escutar as boas inspirações” e discernir com sabedoria os caminhos de Deus em nossa vida. (cf.: PAULO VI, 1964).

61. O silêncio emerge como atitude mestra que marca a trajetória de vida de Maria da Luz (Irmã Adélia) e de Maria da Conceição, protagonistas principais dos acontecimentos da Aldeia Guarda. Nelas, e em torno dos eventos, há um silêncio sapiencial, impregnado de tensão que, como tenda, abriga e guarda o “mistério” dos fatos e, ao mesmo tempo, ao abrir-se à voz do Espírito, permite a sua gradual maturação e compreensão para um lúcido discernimento eclesial. É o silêncio que abre espaço para um caminho de purificação e libertação de nossas humanas pretensões, e permite a manifestação da verdade. Em analogia ao silêncio de Maria, podemos enumerar os traços característicos do silêncio que encontramos na Aldeia Guarda naqueles que conservam no seu coração a memória dos acontecimentos:
62. **Um silêncio fecundo:** o local nos leva, verdadeiramente, ao encontro com Deus. Com muita frequência se escuta o testemunho dos visitantes: “Que silêncio interessante! Um local que, de fato, me ajuda a experimentar a presença de Deus!”. Misticamente, poderíamos entender esse silêncio de modo análogo ao silêncio de Maria em seu lar, rompido pela mensagem do anjo Gabriel, numa cena marcada pelo encontro com a palavra que se transforma em fonte de fecundidade. De igual modo, o povo de Deus experimenta essa realidade ao visitar a Aldeia Guarda. Ninguém sai de lá com as mãos vazias, sem que algo lhe tenha sido fecundado por Deus em seu coração. É local de



pequenas coisas, de solidão no encontro, ambiente que convida à oração e à penitência. Ali se respira e se fala das maravilhas que Deus realizou no coração e na vida das pessoas. Irmã Adélia e Maria da Conceição, nos poucos momentos que quebraram o silêncio, exortavam aos romeiros a dar atenção privilegiada àquilo que ali vieram buscar em meio à oração e à penitência: a verdadeira conversão do coração.

63. **Um silêncio obediente:** “O silêncio obediente torna-se fonte de graça para quem ouve”, assim afirmava São Basílio. Ouvir com o coração e aprender as lições para a vida: poderíamos definir, dessa forma, que outra marca do silêncio reside naquele lugar.

64. A partir dessa forte marca, com a qual foram assinaladas as vidas de Irmã Adélia e de Maria da Conceição, que habitavam em meio a um silêncio fecundo, nós as vemos no exercício da obediência não apenas à Igreja, enquanto instituição, mas ao próprio Deus, em fidelidade à sua Palavra. Deus manifesta sua vontade a partir de seu povo, falando de suas necessidades.

65. Por isso, no que se refere, particularmente, a Irmã Adélia, sempre se preocupou em cuidar das pessoas, dizendo com constância: “Não se esqueça dos meus pobres”. A nossa Diocese possui um rosto e uma alma samaritana, de vocação para servir, sobretudo os pobres e necessitados. Ao longo de seus 103 anos, o aspecto concreto do Evangelho, fez-se e se faz presente, no exercício da caridade sem barulho. Os seus organismos, paróquias e instituições, sob o comando de seus bispos, são encarnação da vivência da parábola do Bom

Samaritano. De modo particular, a espiritualidade da Irmã Adélia, aprofundada pela experiência das aparições de Nossa Senhora, bebe dessa fonte, filha que é dessa Igreja diocesana.

66. Na Aldeia Guarda somos educados na escolha do silêncio obediente. Com as experiências lá vividas e maturadas ao longo dos anos estamos aprendendo sobre a necessidade de nos abirmos humildes à escuta da Palavra de Deus, e dos sinais dos tempos e lugares, através dos quais ele se manifesta. O silêncio nos ajuda a discernir nesses tempos de crise e de incertezas por onde caminhar. Os silêncios da Aldeia Guarda, bem como o de Irmã Adélia e de Maria da Conceição, interpelam-nos e nos ajudam a descobrir a ação de Deus neste nosso chão.
67. **Um silêncio comunicativo:** As ações silenciosas de Irmã Adélia são testemunhas de quem viveu e comunicou o Evangelho do silêncio, transformando-o em obras de misericórdia. Com atitudes samaritanas, ela foi capaz de lavar os pés de Jesus na pessoa de tantos irmãos e irmãs que dela se aproximaram tais quais os leprosos que se achegaram a Jesus com sua súplica: “Jesus, Filho de Davi, tem piedade de mim” (Lc 18,35).
68. O silêncio discreto, comunicativo e criativo de Irmã Adélia evoca também a atitude da mulher que, em seu silêncio acolhedor, desceu ao chão para lavar os pés do Mestre (cf.: Lc 7,36-38), sendo reconhecida por Jesus em seu ato como anunciadora antecipada da ressurreição. Assim, a Irmã Adélia também o fez ao lavar, de modo silencioso, “os pés” de tantos irmãos e irmãs acolhidos por ela, na

firme esperança de que fossem um dia transformados em suas realidades existenciais mais difíceis.

69. Irmã Adélia falou mais por gestos do que por palavras, como testemunho eloquente de quem se dispôs, no cotidiano, a colocar em prática a vontade de Deus em sua vida: amar e servir aos pobres com tanto amor e dedicação, seguindo o carisma das Religiosas da Instrução Cristã, congregação à qual pertencia.
70. Também Maria da Conceição, enquanto cristã leiga, marcada por uma condição social desfavorável, viveu em um silêncio, de quase total anonimato, imposto pela vida sofrida, que lhe negou maiores oportunidades. Contudo, emergem dos fragmentos do seu testemunho de vida a presença de um silêncio fecundo e comunicativo, habitado pela presença materna da Virgem Maria, a quem ela devotava todo seu afeto.
71. Tanto Irmã Adélia quanto Maria da Conceição circunscreveram suas existências em um silêncio fecundo, obediente e comunicativo, capaz de vigiar e de aguardar o tempo de Deus. Em tudo buscaram seguir o exemplo de Maria, a mãe silenciosa que ama, crê, sofre, espera e, por isso, o seu exemplo de silêncio traz consigo uma carga evangelizadora superior a milhares de palavras. (cf.: LARRAÑAGA, 1998, p. 15-20).

**III PARTE**  
**DA ALDEIA GUARDA À “GUARDA” PRUDENTE DA IGREJA**  
**Encaminhamentos pastorais**

72. O impacto dos acontecimentos da Aldeia Guarda e seus sucessivos desdobramentos, que transpuseram os limites geográficos e temporais, demandam hoje da Igreja, a quem compete o poder e o direito de examinar e discernir sobre a autenticidade e veracidade de tais fenômenos, um juízo primeiro, emanado pela Autoridade diocesana. Por isso, diante da responsabilidade que nosso múnus pastoral nos impõe, instituímos duas Comissões *ad hoc*, uma histórica e outra teológica, para o acurado exame dos fenômenos vivenciados pelas adolescentes Maria da Luz (Irmã Adélia) e Maria da Conceição, seguindo as normas emanadas pelo Magistério da Igreja sobre o modo de proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações.
73. À luz dos relatórios e pareceres emitidos pelas supraditas comissões acerca dos fenômenos e das experiências vividas pelas adolescentes e suas implicações no âmbito da vida eclesial e da ação pastoral, consideramos alguns aspectos sobressalentes que corroboram para a construção de nosso juízo pastoral:
- a) O relato contendo as informações recolhidas sobre os acontecimentos, através da observação, do contato direto com as pessoas envolvidas, fruto de acurada abordagem investigativa, segundo as normas canônicas em vigor, feita à época pelos ilustres sacerdotes, os Revmos. Padre José Kerhle e Frei Estevam Hoettger, OFM, com a anuência do Bispo diocesano;

- b) A constatação, após cuidadoso exame da documentação existente, que as mensagens relacionadas aos eventos da Aldeia Guarda estão em consonância com a fé cristã. Desde a primeira averiguação, contemporânea aos acontecimentos, e minuciosamente documentada, constata-se que o conteúdo das mensagens não contradiz as verdades contidas nas Sagradas Escrituras e na Doutrina da Santa Igreja Católica Apostólica Romana;
- c) A comprovada retidão de vida de Maria da Luz (Irmã Adélia) e Maria da Conceição que, após a experiência vivida na Aldeia Guarda, por caminhos diversos, viveram e testemunharam a fé de forma discreta, no quase anonimato, em silêncio, pobreza, recolhimento, serviço, oração e total obediência à Igreja, não havendo uso ou abuso dos eventos para a projeção pessoal e de qualquer grupo;
- d) O notável incremento da devoção dos fiéis à Mãe de Deus, invocada com o título de Virgem da Graça, tanto na Aldeia Guarda quanto fora dela, depois dos eventos lá ocorridos em 1936, tem gerado comprovados frutos de autêntica conversão, de renovação espiritual, de engajamento eclesial e de compromisso com a missão evangelizadora;
- e) Os relatos, de diversas graças alcançadas por intercessão da Virgem da Graça e de presumíveis milagres, ainda a serem submetidos a uma análise mais acurada por parte da Igreja;

- f) Os recentes estudos realizados sobre os acontecimentos da Aldeia Guarda, o relatório elaborado pela Comissão Histórica, por nós nomeada, e os pareceres de Teólogos e Pastores do povo de Deus;
- g) A intransferível responsabilidade pastoral que recai sobre o Bispo diocesano que tem a missão de instruir os fiéis e defender com firmeza a integridade da fé, empregando os meios adequados (CDC, cânon 386 § 2), após o devido discernimento;
- h) A premência de uma palavra oficial, depois do longo período de reserva e de cautela por parte da Igreja, tempo que foi necessário para a maturação dos fatos e para a coleta de elementos que nos proporcionasse um discernimento mais criterioso deles.

74. Temos consciência de que, no tratamento das aparições e manifestações da Virgem Maria, realidades que fazem parte da tradição viva da Igreja Católica, movemo-nos no terreno das, assim chamadas, revelações privadas ou proféticas, que não são necessárias à fé, como o é a revelação pública de Deus em Jesus Cristo, contida no credo, que é a fonte e a norma vinculante de nossa fé. Por isso, considerando os sinais da presença de Deus, os apelos de conversão, o estímulo à vida sacramental e o despertar do sentido de pertença eclesial, advindos como consequência dos eventos ocorridos na Aldeia Guarda, nós os acolhemos como um dom para nossa Igreja diocesana e, ao mesmo tempo, os assumimos como um desafio e um apelo para a nossa missão pastoral, para reflexão dos teólogos e para o estímulo da vida de fé do nosso povo. (cf.: Normas para proceder no

discernimento de presumíveis aparições e revelações, Nota preliminar C).

75. Nosso intento é, portanto, expressar um juízo acerca dos fatos, à luz do tempo transcorrido e da experiência acumulada, com especial atenção à fecundidade da vida espiritual, nutrida pela devoção suscitada entre os fiéis, e que devem manifestar-se em plena comunhão com a comunidade eclesial e produzir frutos, a partir dos quais a própria Igreja pode discernir a verdadeira natureza dos acontecimentos (cf.: Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações, Nota preliminar C).
76. Por isso, pela autoridade que nos confere o nosso ministério episcopal, diante do dever imposto a nós de verificar, vigiar, intervir e julgar segundo a verdade, declaramos que:
- a) Nas relatadas aparições da Virgem Maria, na Aldeia Guarda, sob o título de “Nossa Senhora da Graça”, há elementos, traços e sinais que abalizam e sinalizam a grande probabilidade do caráter sobrenatural da experiência vivida pelas jovens Maria da Luz (Irmã Adélia) e Maria da Conceição;
  - b) As mensagens comunicadas durante as alocações com as videntes, acuradamente documentadas e cuidadosamente analisadas, estão em profunda consonância com as verdades da fé cristã, contidas nas Sagradas Escrituras e na Doutrina Católica e, em nada, contrastam com a moral e os costumes;
  - c) A constatação que fazemos da grande probabilidade da presença de elementos sobrenaturais nos eventos da Aldeia Guarda, mesmo

que atestem a sua consistência e os tornem dignos de crédito, não vincula ou obriga nenhum fiel a crer, pois, tal como nos ensina o Catecismo da Igreja Católica, tais aparições não pertencem ao depósito da fé, e sua função é apenas ajudar, a partir da fé, a viver com mais plenitude (cf.: CIC, 67). Neste sentido, cada um é convidado a julgar os fatos, segundo a sua descrição, bom senso e prudência eclesial (Cf.: PERRELLA, 2011, p. 186-225). Nesta matéria, seguimos o critério estabelecido pelo Papa Bento XIV que diz: “às revelações, ainda que aprovadas pela Igreja, não se deve nem se pode outorgar assentimento de fé católica<sup>5</sup>” (BENTO XIV, 1852, 1.2, c.32, n. 11);

- d) Ao reconhecermos que os fatos ocorridos no território dessa Igreja particular não estão em desacordo com a fé, os costumes e com a missão da Igreja, concedemos a permissão (cf.: CASTELLANO, 1958, p. 498) para que os fiéis possam, nessas terras, continuar com a devoção e a veneração à Virgem Santíssima, Mãe de Deus, invocada com o título de “Nossa Senhora da Graça”. Agimos em consonância com os ensinamentos da Igreja que, “para promover a santificação do povo de Deus, recomenda a devoção especial e filial dos fiéis à Bem-aventurada sempre Virgem Mãe de Deus, que Cristo constituiu Mãe de todos os homens” (CDC, cânon 1186) e que deve ser venerada com especial amor, porque

---

<sup>5</sup> Entenda-se o termo como “universal”, uma fé a ser aceita por todos os cristãos, dogmática. Como virtude teologal é diferente de simples crença. Quando aceitamos a Palavra revelada de Deus como verdadeira, temos o que se chama “fé divina”. É por isso que o Catecismo da Igreja Católica, nos seus parágrafos 142 e 143, define a fé como “a resposta do homem ao Deus que se revela”.



indissoluvelmente está unida à obra de salvação do seu Filho (SC, n. 103).

- e) A Diocese de Pesqueira é a responsável direta pelo cuidado pastoral da Aldeia Guarda e proporcionará, através dos meios que se fizerem necessários, a assistência sacramental e espiritual a peregrinos e devotos que acorrem ao lugar, agindo em profunda sintonia com as Diretrizes para a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE) e o Plano Diocesano de Pastoral;
- f) Interpretações, posicionamentos e pronunciamentos oficiais acerca das mensagens ou quaisquer conteúdos relativos às presumíveis aparições são exclusivamente do Magistério da Igreja (SD1, p. 55) e, de modo particular, do bispo diocesano de Pesqueira, a quem compete vigiar, intervir e dar o consentimento prévio sobre o assunto (cf.: Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações, III, 1-3);
- g) A Diocese continuará se servindo do trabalho de comissões de peritos, nomeadas pelo Bispo diocesano, para o estudo e o aprofundamento dos eventos da Aldeia Guarda e disporá de um instrumento oficial de comunicação e publicação de notícias, matérias e artigos de interesse, relativos aos fatos, sua compreensão e suas demandas pastorais;
- h) No que concerne especificamente à Irmã Adélia Teixeira de Carvalho, morta em odor de santidade, já solicitamos e estamos aguardando o *Nihil Obstat* da Congregação das Causas dos Santos, autorizando a abertura oficial do seu Processo de Beatificação e

Canonização em nossa Diocese. Para esse fim, agimos em comunhão com a Congregação das Religiosas da Instrução Cristã (Damas) e já nomeamos as Comissões Histórica e Teológica, bem como, designamos o Postulador da Causa;

- i) A presente carta pastoral, oferecida como primeira resposta da Igreja aos eventos da Aldeia Guarda, no âmbito de nossa Diocese de Pesqueira, não esgota a possibilidade de ulteriores aprofundamentos e decisões emanadas pelas instâncias eclesiais competentes;
- j) A nossa carta foi pensada como um dom humilde a serviço da pastoral e da missão de nossa Igreja particular e deve ser acolhida como tal. Procuramos oferecer aos pastores e fiéis um instrumento que favoreça aos romeiros e devotos, a partir do encontro com a Virgem Maria, itinerários para o aprofundamento da fé e do seguimento de Jesus Cristo;
- k) Determinamos que o conteúdo desta carta pastoral seja conhecido em todo o território diocesano e refletido no ambiente de nossas paróquias, comunidades religiosas, pastorais, serviços e movimentos e que seja cuidadosamente explicado aos nossos diocesanos por parte do Clero;
- l) A presente carta, depois de publicada, deve ser arquivada em nossa Cúria Diocesana e nos arquivos de nossas paróquias.

Rogamos à Mãe da Graça por todo o povo de Deus que, com fé e devoção, acorre à Aldeia Guarda, local das presumíveis aparições, para que possa, com renovado ardor, iluminado pela presença da Discípula fiel, viver a radicalidade do seu batismo, no seguimento de Cristo, e conquistar o prêmio da sua vocação: a Santidade de vida e a Visão de Deus.

Dada e passada nesta episcopal cidade de Pesqueira, sob sinal e selo de nossas armas e chancelaria, aos 02 de outubro do ano do Senhor de 2021.

.....  
D. José Luiz Ferreira Salles, CSsR  
Bispo diocesano

.....  
Pe. Fábio Pereira dos Santos  
Chanceler *ad hoc*

## Referências

ALVES, Gabriella Chalegre. **É hora de surgir do sono, de espertar da inércia [...] e fazer reflorescer a nossa religião: a Restauração Católica em Pesqueira-PE (1889-1922)**. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

BENTO XIV. **De Servorum Dei Beatificatione Et Beatorum Canonizatione**. Venetiis: Excudebat Antonius Foglierini, 1852.

BENTO XVI. **Homilia na solenidade da anunciação**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20060325\\_anello-cardinalizio.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060325_anello-cardinalizio.html)>. Acesso em: 25 de setembro de 2021.

CASTELLANO, M. La prassi canonica circa to apparizioni mariane. In: **Enciclopedia Mariana Theotokos**. Milano: Massimo, 1959.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Brasília: Edições CNBB, 2007.

CNBB. **Aparições e revelações particulares**. Subsídios Doutrinários 1. Brasília: Edições CNBB, 2009.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Normas para proceder no discernimento de presumíveis aparições e revelações**. Roma, 1978. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19780225\\_norme-apparizioni\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19780225_norme-apparizioni_po.html)>. Acesso em: 22 de setembro de 2021.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Diretório sobre piedade popular e liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2003.

Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações**, Petrópolis: Vozes, 1984.

Constituição Dogmática *Dei Verbum*. In: **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações**, Petrópolis: Vozes, 1984.

Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações**, Petrópolis: Vozes, 1984.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae***. São Paulo: Paulinas, 2003.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptoris Mater***. São Paulo: Paulinas, 2007.

JOÃO PAULO II. **Audiência Geral**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1995/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19951115.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1995/documents/hf_jp-ii_aud_19951115.html)>. Acesso em: 29 de setembro de 2021.

KEHRLE, José. **Manuscripto**. Pesqueira, 1941. S/p.

LARRAÑAGA, Inácio. **O silêncio de Maria**. São Paulo: Paulinas, 1998.

MOURA, Carlos André Silva de. **Histórias cruzadas: intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910-1942)**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais / Universidade de Lisboa, 2018.

MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana: compêndio de Mariologia**. São Paulo: Paulinas, 2012.

NO LOGAR onde aparece a Santa está jorrando agua milagrosa. Segunda-feira estiveram em Cimbres mas de três mil pessoas. In: **Jornal Pequeno**, Recife, 15 set. 1936.

PAPA FRANCISCO. **Exortação apostólica *Gaudete et Exultate***. São Paulo: Paulinas, 2018.

PAULO VI. **Exortação apostólica *Marialis Cultus***. Roma, 1974. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19740202\\_marialis-cultus.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html). Acesso em: 25 de agosto de 2021.

PAULO VI. **Exortação apostólica *Signum Magnum***. Roma, 1967. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19670513\\_signum-magnum.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19670513_signum-magnum.html). Acesso em: 25 de agosto de 2021.

PAULO VI. **Discurso em Nazaré**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640105\\_nazareth.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640105_nazareth.html). Acesso em: 25 de setembro de 2021.

PERRELLA, S. M. **Impronte di Dio nella storia: apparizioni e mariofanie**. Padova: EMP, 2011.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES. **O santuário: memória, presença e profecia do Deus vivo** (Doc. 170). São Paulo: Paulinas, 1999.

RATZINGER, Joseph. **A filha de Sião: a devoção mariana na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2013.

RATZINGER, Joseph. **Comentário Teológico**. 2000. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20000626\\_message-fatima\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html)>. Acesso em: 29 de setembro de 2021.

ROETTGER, Frei Estevão von. **Manuscrito**. Recife, 1947. S/p.

VISÃO Confortadora! Duas crianças, perdidas na mata, viram Nossa Senhora. In: **Jornal Pequeno**, Recife, 02 set. 1936.



**DIOCESSE DE PESQUEIRA**  
PERNAMBUCO/BR